

Resumo: A partir do texto “Maurice Blanchot est mort” [“Maurice Blanchot está morto”], presente no livro *Parages* [Paragens], de Jacques Derrida, pretende-se analisar os constituintes filosóficos e afetivos que serviram de base para a composição de uma amizade que excede o simples pacto intelectual entre Derrida e Blanchot. Nessa perspectiva, intenta-se também pontuar os movimentos afirmativos e negativos desta amizade, considerando que, após a morte de Blanchot, Derrida opera um movimento, digamos, de inversão negativa em relação ao amigo que se contrapõe ao movimento afirmativo dos livros derridianos que lhe foram dedicados, como: *Demeure: Maurice Blanchot* [Morada: Maurice Blanchot] e *Parages*¹⁵. 2 Se, por um lado, em *Adeus a Emmanuel Levinas*, Derrida nos apresenta uma homenagem à obra levinasiana de modo distanciado e imparcial; por outro lado, em relação a Blanchot, ainda que haja uma homenagem à obra blanchotiana, constata-se um modo demasiadamente aproximativo, magoado e, por vezes, colérico, que faz com que compreendamos que o trabalho de luto derridiano mal tinha se iniciado. “Maurice Blanchot est mort”, escrito poucos dias depois da perda do amigo, deixa entrever como a amizade e o pensamento filosófico podem dar origem a uma escrita teórico-filosófica que desvela a dor, a partida, o sentimento de solidão e o afeto que, quer se queira ou não, são deixados de lado em escritos de tal envergadura filosófica.

Palavras-chave: Jacques Derrida; Maurice Blanchot; Amizade; Filosofia.

GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI: PENSAR O PRESENTE COMO UMA URGÊNCIA POLÍTICA

Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim¹⁶

Resumo: A proposta é pensar com Deleuze e Guattari os fascismos no presente, como por exemplo, uma crítica ao moralismo e ao legalismo que inundaram as práticas políticas. A ideia é buscar interrogar os ódios e os ressentimentos movimentados na política e na estética do terror, atualizados hoje. Analisar a apropriação moral de relações e acontecimentos pelo uso estratégico de um jogo entre normas e leis operacionalizados por uma multiplicidade de

¹⁵ O texto “Maurice Blanchot est mort” foi anexado somente após novas edições e reimpressões do livro *Parages*.

¹⁶ Doutor em Filosofia. Professor do Departamento de Filosofia, do Mestrado Profissional em Filosofia e do Mestrado em Letras/Estudos Literários na Universidade Estadual de Montes Claros, MG. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Filosofia, Ciências Humanas e Outros Sistemas de Pensamento/CNPq e Coordenador do Canal Agenciamentos Contemporâneos – www.youtube.com/agenciamentos.

instâncias de regulação social. No conjunto dessas práticas, Deleuze e Guattari ressaltaram o surgimento da sociedade de controle como ampliação da vigilância, da lógica empresarial da vida, da crise das instituições e da utilização do marketing enquanto vetor de modulação da moral e do comércio de tudo e de todos, de forma antiética e fascista. Tudo se torna mercado, investimento, empreendedorismo, (reconfiguração da sociedade disciplinar de Foucault). Teremos um espaço estriado (recortado) x espaço liso. Com efeito, em meio à mercantilização de todas as relações na vida, a ética perde espaço para microfascismos e tanto, a estética quanto a política passam a figurar como operadores utilitaristas do mercado e do capital.

Palavras-chave: Política; Microfascismos; Multiplicidade; Devir-revolucionário.

A METAFÍSICA HIPOCONDRIACA DE K.P. MORITZ

Prof. Dr. Oliver Tolle¹⁷

Resumo: Algumas filosofias se aproximam tanto do ordinário, que somos constrangidos de imediato a desconfiar da sua validade. Afinal de contas, a elevada especulação deveria nos proteger dos equívocos e das ilusões do senso comum, promover uma atitude de suspeita em relação aos costumes e principalmente nos precaver do conhecimento que nasce da parcialidade. A observação de si e seu subproduto mais condenável, a convicção nascida da experiência pessoal e unilateral, são vistos como os maiores oponentes do desenvolvimento da ciência. O fato é que esse juízo despreza as conjunturas que definem a existência do homem e a dinâmica de sua formação da infância até a idade adulta, onde a aquisição de conhecimentos que nascem da investigação impessoal nem sempre se mostram úteis para a solidão que o indivíduo enfrenta em virtude da exigência que a natureza impõe a ele de recriá-la constantemente em seu interior. Ora, poucas filosofias se aproximaram da nossa condição ordinária, limitada e finita com tanto otimismo e com tamanha promessa de realização como a de Karl Philipp Moritz (1756-1793). Se é possível avaliar uma doutrina pela distância entre o

¹⁷ Professor associado de Estética do Dep. de Filosofia FFLCH/USP. É autor de *O nascimento da estética no século XVIII*, Ed. Clandestina, 2016. Pesquisa atualmente a Escola de Wolff e sua recepção no século XVIII, particularmente a fundamentação da psicologia empírica e o seu declínio com o idealismo transcendental e absoluto. A esse propósito publicou nos *Cadernos de Tradução* (Df/FFLCH/USP, 2020) tradução acerca da Revista de Psicologia Empírica (1783-1793) de K. P. Moritz. Também se encontra em preparação a publicação da tese de livre docência intitulada *Doutrina da alma: estudos de psicologia empírica alemã*.